

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Especialização em Formação em
Docência para a Educação Básica

Irlene de Souza Ferreira

**RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E AS REPERCUSSÕES NA INCLUSÃO ESCOLAR
DE ALUNOS AUTISTAS: estratégias para uma parceria**

Belo Horizonte
2025

Irlene de Souza Ferreira

**RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E AS REPERCUSSÕES NA INCLUSÃO ESCOLAR
DE ALUNOS AUTISTAS: estratégias para uma parceria**

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica.

Área de concentração: Docência e Inclusão escolar

Orientadora: Prof^a. Nathália Lopes Machado

Belo Horizonte
2025

F383r
TCC

Ferreira, Irlene de Souza, 1975-

Relação família-escola e as repercussões na inclusão escolar de alunos autistas [manuscrito] : estratégias para uma parceria / Irlene de Souza Ferreira. -- Belo Horizonte, 2025.

55 p. : enc., il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica. Área de concentração: Docência e Inclusão escolar.

[Inclui apêndice com cartilha com o título: Relação família-escola e as repercussões na inclusão escolar de alunos autistas: estratégias para a parceria].

Orientadora: Nathália Lopes Machado.

Bibliografia: f. 38-40.

Apêndices: f. 41-55.

1. Educação. 2. Educação especial. 3. Educação inclusiva. 4. Inclusão em educação. 5. Autismo. 6. Transtorno do espectro autista. 7. Autismo em crianças. 8. Crianças autistas -- Educação. 9. Educação de crianças. 10. Família e escola. 11. Itabirito (MG) -- Educação. 12. Itabirito (MG) -- Educação especial.

I. Título. II. Machado, Nathália Lopes, 1994-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.9

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação em Docência para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO NONINGENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO OITAVO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DOCÊNCIA E INCLUSÃO ESCOLAR: PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA

Aos doze dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização Formação em Docência para a Educação Básica – com o título "**Relação família-escola e as repercussões na inclusão escolar de alunos autistas: estratégias para uma parceria**", do(a) aluno(a) **Irlene de Souza Ferreira**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Nathália Lopes Machado (orientador) e Fernanda Cilene Moreira de Meira. Os trabalhos iniciaram-se às 8h30, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte, 12 de julho de 2025.

Aluno(a) Irlene de Souza Ferreira
Irlene de Souza Ferreira

Registro na UFMG: 2024694416

Nathália Lopes Machado
Profa. Ms. Nathália Lopes Machado
Orientador(a)

Fernanda Cilene Moreira de Meira
Profa. Ms. Fernanda Cilene Moreira de Meira
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação em Docência para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Às minhas colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas, aprendizado e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como profissional.

Sou grata à minha família pelo apoio incondicional durante toda a minha trajetória acadêmica, por acreditarem em mim e me incentivarem a sempre buscar meus sonhos.

Finalmente, agradeço à UFMG e à Prefeitura Municipal de Itabirito por me proporcionarem a oportunidade de realizar este TCC.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar como se constrói a relação família-escola no contexto de inclusão escolar de alunos autistas em uma escola municipal de educação infantil localizada em Itabirito (MG), visando promover estratégias de parceria entre escola e família. Para isso, o trabalho, fundamentado na literatura, discute os elementos relativos à inclusão escolar de crianças autistas, a partir de uma breve revisão das políticas de inclusão escolar assim como das considerações a respeito das particularidades destes casos. Por isso, brevemente retoma-se a definição do autismo e as implicações das suas demandas para o contexto escolar, tendo as particularidades como orientador das considerações sobre a importância da relação família-escola para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos autistas. Tendo em vista estas problematizações, partem-se seguintes questões de pesquisa: De que forma a relação entre família e escola é construída no processo de inclusão de alunos autistas em uma escola municipal de educação infantil localizada em Itabirito (MG)? Como promover estratégias de parceria entre família e escola que possam favorecer o processo de inclusão escolar dos alunos autistas? Com isso, foram aplicados três questionários com respostas abertas, sendo um aplicado aos profissionais da educação como diretora, supervisora, psicólogo e fonoaudiólogo, outro aplicado à professora e o terceiro aplicado à mãe de uma criança autista. A partir da definição e análise de quatro categorias, foi possível concluir que os profissionais assim como a família consideram importante o diálogo e as trocas entre familiares e escola. Os profissionais ressaltam a função da escola neste processo, podendo ser uma fomentadora promoção do diálogo, ao disponibilizar formas de acolhimento e sensibilização das famílias para a sua participação ativa. De acordo com o que foi apontado pelos profissionais, os desafios nesta construção de parceria se encontram apenas do lado da família, pois, nas suas percepções, muitas vezes, a família possui resistência nesta aproximação. Quanto às estratégias utilizadas pela escola nesta construção de parceria, são apontados momentos de reuniões de pais ou eventos escolares pontuais. Conclui-se, portanto, a necessidade de situar o lugar da escola na construção da parceria família-escola, de forma que reconheça a importância de promover espaços e projetos visando a aproximação da família, para além das reuniões de pais, especialmente quando consideramos a inclusão escolar de alunos autistas.

Palavras-chave: família; escola; alunos autistas; inclusão escolar; educação infantil.

ABSTRACT

This study aims to investigate how the family-school relationship is built in the context of school inclusion of autistic students in a municipal early childhood education school located in Itabirito (MG), with a view to promoting partnership strategies between school and family. To this end, the study, based on the literature, discusses elements related to the school inclusion of autistic children, based on a brief review of school inclusion policies as well as considerations regarding the particularities of these cases. Therefore, the definition of autism and the implications of its demands for the school context are briefly revisited, with particularities guiding considerations about the importance of the family-school relationship for the teaching-learning process of autistic students. In view of these issues, the following research questions are posed: How is the relationship between family and school constructed in the process of including autistic students in a municipal early childhood education school located in Itabirito (MG)? How can partnership strategies between family and school be promoted that favor the process of school inclusion of autistic students? With this in mind, three questionnaires with open-ended questions were administered, one to education professionals such as the principal, supervisor, psychologist, and speech therapist, another to the teacher, and the third to the mother of an autistic child. Based on the definition and analysis of four categories, it was possible to conclude that both professionals and families consider dialogue and exchanges between families and schools to be important. The professionals emphasize the role of the school in this process, which can be a catalyst in promoting dialogue by providing ways to welcome and raise awareness among families for their active participation. According to the professionals, the challenges in building this partnership lie solely with the family, as, in their perception, the family often resists this approach. As for the strategies used by the school in building this partnership, parent meetings or specific school events are mentioned. It is therefore concluded that there is a need to situate the school's place in building the family-school partnership in such a way that it recognizes the importance of promoting spaces and projects aimed at bringing the family closer, beyond parent meetings, especially when we consider the school inclusion of autistic students.

Keywords: family; school autistic students; school inclusion; early childhood education.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| MEMORIAL..... | 7 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS: DESAFIOS E PRINCÍPIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR..... | 13 |
| 2.1 PARTICULARIDADES DA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS..... | 16 |
| 2.1.1 Breves reflexões sobre a categoria diagnóstica do autismo e as implicações para o contexto escolar..... | 18 |
| 3 FAMÍLIA E ESCOLA: RELAÇÕES QUE EDUCAM..... | 20 |
| 4 PLANO DE AÇÃO: INVESTIGANDO A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA EM UMA CMEI..... | 23 |
| 4.1 O CAMPO DE PESQUISA..... | 23 |
| 4.2 PARTICIPANTES..... | 24 |
| 4.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE..... | 26 |
| 4.3.1 Lugar dos profissionais na construção do diálogo..... | 26 |
| 4.3.2 Percepção dos profissionais sobre a relação família-escola no processo de inclusão escolar..... | 29 |
| 4.3.3 Desafios encontrados frente a relação família-escola..... | 31 |
| 4.3.4 Estratégias da escola para construir a relação família-escola..... | 33 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 36 |
| REFERÊNCIAS..... | 38 |
| APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS PAIS..... | 41 |
| APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES..... | 42 |
| APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA GESTÃO ESCOLAR..... | 43 |
| APÊNDICE D – CARTILHA..... | 44 |

MEMORIAL

Será um prazer relatar um pouco da minha trajetória de vida. Sou Irlene de Souza Ferreira, nasci em 10 de julho de 1975, na Cidade Ouro Preto, Minas Gerais. Iniciei na educação infantil, o chamado “prezinho”, com 04 anos de idade. Adorava estudar, queria muito ser professora. Minha mãe engravidou com 40 anos, eu já tinha um irmão de 01 ano e 02 meses. Viemos de uma família carente onde minha mãe estudou até a 4ª série e meu pai era analfabeto.

Quando fiz 05 anos meu pai teve câncer na garganta. Passamos por um período muito difícil onde minha mãe teve que ficar períodos grandes fora de casa para acompanhá-lo no tratamento em Belo Horizonte.

Ao iniciar a 1ª série, lembro que minha mãe foi chamada na escola pela professora Dona Cláudia, a qual relatou que eu não sabia ler e falar. Este comentário fez com que minha genitora estranhasse pois em casa eu falava o tempo todo e já lia algumas frases. Segundo conversas entre as duas, chegaram a conclusão que iriam me mudar de carteira para que eu sentasse mais próximo da professora para que pudesse ser melhor avaliada. Com isto, constatou-se aos sete anos de idade que eu tinha astigmatismo e miopia passando a usar óculos. Ao passar dos meses, os problemas foram solucionados, pois conseguia enxergar e conseqüentemente ler tudo que era pedido. Lembro claramente que depois da utilização dos óculos a minha vida mudou para melhor onde a timidez diminuiu, obtendo melhoria na aprendizagem.

Outro fator relevante das minhas memórias foi a oportunidade de relacionar com pessoas com deficiência e aprender desde nova que não somos iguais, mas que devemos respeitar cada um do seu jeito. Desde que nasci tenho contato com minha tia avó chamada Maria Brandão, a qual hoje está com 90 anos. Atualmente ela reside em um abrigo de idosos em Belo Horizonte. Maria foi diagnosticada aos dezoito anos com esquizofrenia.

Encerrei o Ensino Fundamental aos quatorze anos de idade. Cheia de planos para o Ensino Médio e ansiosa para conhecer um novo ambiente, novas pessoas, mas achando que manteria o mesmo ciclo de amizade. O que não aconteceu, pois fui estudar em uma escola diferente.

Em 1993, na Escola Estadual Dom Silvério na Cidade de Mariana-MG, concluí o ensino médio com título de professor de 1º à 4º série, o qual era meu objetivo

desde criança.

Em 1994, fui empossada no cargo de auxiliar de secretária na Prefeitura Municipal de Mariana-MG. A primeira escola em que atuei ficava localizada no Bairro Cabanas onde tive a oportunidade de lecionar como professora numa turma de 1º série. Era uma turma de dezoito alunos onde a idade variava de 7 a 8 anos de idade. Os dois primeiros meses foram de muito trabalho e desafiadores, pois era minha primeira experiência na área educacional. Inexperiente, insegura, mas com muita vontade de colocar em prática tudo aquilo vivido em sala de aula.

A adaptação não foi fácil até porque tive a oportunidade de lecionar para uma criança com atraso na aprendizagem, pois naquela época não era relatado casos, muito menos trabalhado essas questões no ambiente escolar. As pessoas não tinham seu devido reconhecimento ficando assim isoladas da sociedade. Pude observar o quanto estava aprendendo no dia a dia com cada criança. Principalmente o aprender através das interações, brincadeiras propostas e conversas, também foram contribuindo para o meu fazer pedagógico no período de 1994-1997.

De 1998-2021, executei minhas atividades no setor administrativo geral direcionado para gestão financeira e pessoal, adquirindo uma bagagem muito rica nas empresas privadas, as quais tive oportunidade de trabalhar.

No ano de 2013, tive oportunidade de fazer prova para ingressar na faculdade UNIPAC de Itabirito-MG. Sonho realizado, na fase adulta pois sempre quis e desejei fazer administração de empresa. Não foram fáceis os quatro anos de estudo, pois já de início minha mãe faleceu, me deixando sozinha com minha tia avó Maria Brandão. Graduei em Administração Geral no ano de 2017 com muito sucesso e alegria de sonho realizado.

No ano de 2022, tive a oportunidade de fazer processo seletivo na Prefeitura de Itabirito-MG e passei a atuar como secretária escolar no CMEI, uma escola infantil com crianças de 03 a 05 anos de idade.

No ano de 2024, tive a oportunidade de passar por uma seleção para estudar pós-graduação na UFMG e fui contemplada com a vaga na Especialização Docência e Inclusão Escolar: pessoas com Deficiência e a Prática Pedagógica na Escola. A motivação para a realização do presente trabalho foi a partir da experiência numa escola da rede municipal de ensino onde observei as dificuldades encontradas pela professora da sala regular e, também, o esforço e zelo de uma mãe para a permanência do seu filho autista na escola. Percebo a relevância do auxílio da

família na inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista, já que pode contribuir de forma significativa para o processo de ensino aprendizagem dessa criança.

Diante da minha escolha eu me vejo na minha pesquisa em busca de autoconhecimento sobre mim mesma, com um olhar diferente, procurando a prática de me identificar melhor fazendo com que tenho o controle das emoções, e trabalhando elas poderei obter resultados que me aproxime do meu projeto.

Me vejo identificando minhas características, meus próprios interesses e necessidades procurando conhecer e compreendendo minhas emoções e também sabendo lidar com cada uma, onde nas dificuldades eu não perca a vontade de parar ou desistir, buscando e dando importância ao convívio com outras pessoas. Sinto que durante esta trajetória algo continua me inquietando, e por este motivo continuo estudando e a pós-graduação irá me acrescentar muito enquanto ser humano e profissional, isto quer dizer que não posso arrumar desculpas pra mim mesma e sim continuar no foco.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar tem convocado a escola a rever suas práticas e seus princípios, envolvendo a todos os profissionais para oferecer um ambiente inclusivo e acolher aos alunos com deficiência e suas famílias. Nesse sentido, a relação família-escola passa a ter certa centralidade ao longo do processo de inclusão escolar, necessitando que seja pesquisada, compreendida e questionada sobre como tem sido constituída no cotidiano escolar.

Observa-se através das matrículas que houve um aumento significativo de crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação em escolas regulares, nos últimos anos. No ano de 2024, foram identificadas 366.423 matrículas nas classes comuns de alunos da educação especial no segmento da educação infantil (Brasil, 2025). O último censo escolar aponta que 33,8% do total de percentual de matrículas na pré-escola são destinados à educação especial, número significativo quando comparado com as demais variáveis relativas à área urbana ou rural, o gênero, a raça, a educação indígena e a quilombola (INEP, 2025). No contexto da escola estudada localizada em Itabirito (MG), no ano de 2024, havia 102 crianças matriculadas, sendo cinco crianças autistas e duas crianças que não possuíam laudo médico, mas suspeita de alguma deficiência.

Diante deste cenário, cabe ressaltar a importância de estudar a parceria entre escola e família, considerando especialmente o aumento de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no segmento da educação infantil. A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, direcionada às crianças pequenas entre 0 e 5 anos de idade. Trata-se de uma etapa de ensino legalmente reconhecida e assegurada como um direito pela Constituição Federal de 1988 e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

Embora a educação especial abarque alunos com deficiência, com TEA e com altas habilidades/superdotação, justifica-se a centralidade no autismo, neste presente trabalho, devido à minha experiência como secretária escolar em uma escola municipal de educação infantil, localizada em Itabirito (MG). A motivação para a realização do presente trabalho se deu a partir da minha observação em relação ao modo como a escola recebia as crianças com deficiência e suas famílias, as dificuldades encontradas pela professora da sala regular e, também, o esforço e zelo

das mães para a permanência do seu filho autista na escola. Pude perceber a relevância do auxílio da família na inclusão da criança com autismo, e como a relação família-escola pode contribuir de forma significativa para o processo de ensino aprendizagem dessa criança.

Atualmente percebo e me deparo muito com as seguintes indagações: Meu aluno é autista, e agora o que fazer? Sou pai ou mãe de uma criança autista, e agora? Enquanto do lado da escola, surge a questão sobre como acolher a família e a criança, promovendo recursos de acessibilidade e inclusão. Estas perguntas me instigam a buscar conhecimentos mais profundos para compreender e investigar a relação família-escola e as repercussões na inclusão escolar de alunos autistas, tema deste presente trabalho. Além disso, me deparar com este cenário, no contexto da secretaria escolar, me motivou a querer juntamente com a equipe em que atuo contribuir com a qualidade da educação ofertada, melhorando o dia a dia na escola. A rotina dentro da escola traz dinamismo, aprendizado e sede de buscar mais aprendizados. A escola precisa ser mais inclusiva e acredito que todos os profissionais que ali trabalham são responsáveis para que a inclusão se faça presente na rotina escolar.

Desse modo, tem-se como objetivo geral: investigar como se constrói a relação família-escola no contexto de inclusão escolar de alunos autistas em uma escola municipal de educação infantil localizada em Itabirito (MG), visando promover estratégias de parceria entre escola e família. E como objetivos específicos:

- Compreender as particularidades relativas à inclusão escolar de crianças autistas;
- Refletir a respeito da categoria diagnóstica e as implicações para o contexto escolar;
- Mapear de que forma a relação família-escola contribui para o processo de escolarização e inclusão escolar de alunos autistas.

Com isso, pretende-se traçar estratégias para a melhora e adequação do acolhimento das famílias de crianças com deficiência realizado pelos profissionais da educação desde o ato da matrícula, especialmente por aqueles que lidam diretamente com a família, como é o caso da secretaria escolar e a gestão escolar, como a direção e a coordenação pedagógica. Desse modo, parte-se das seguintes questões de pesquisa: De que forma a relação entre família e escola é construída no

processo de inclusão de alunos autistas em uma escola municipal de educação infantil localizada em Itabirito (MG)? Como promover estratégias de parceria entre família e escola que possam favorecer o processo de inclusão escolar dos alunos autistas?

Para a pretendida investigação, este trabalho está organizado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, será apresentada a discussão a respeito da educação de crianças autistas, quais os desafios e os princípios da educação inclusiva, buscando identificar as particularidades do processo de inclusão escolar dessas crianças e as implicações para o contexto escolar. No segundo capítulo teórico, apresentaremos, com base na literatura científica, os aspectos da relação família e escola. E, por fim, será apresentado o Plano de Ação, a partir da discussão dos dados coletados através da aplicação dos questionários aos profissionais da educação (gestão escolar, professora, psicólogo e fonoaudióloga) e a uma mãe de uma criança autista, e das reflexões sobre as possíveis estratégias de parceria entre família e escola a serem implementadas pela escola.

2 EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS: DESAFIOS E PRINCÍPIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR

Para que haja a inclusão de uma criança autista é necessário e fundamental que todos os envolvidos, como família, amigos e escola, tentem entendê-la na sua forma de ser, proporcionando tratamento em todas as áreas que precisem. O mais importante é que o professor, o supervisor e demais profissionais da escola aprendam a entender a demanda, estabelecendo uma comunicação que lhes permitam ajustar a prática pedagógica, definindo o papel que cada um pode e deve desempenhar.

A Constituição Federal de 1988, capítulo III, seção I: Art. 205, assegura que a educação é um direito de todos:

Art. 205 A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

No entanto, os princípios inclusivos surgiram a partir da década de 1990, passando a fazer parte de discussões no universo escolar e a reivindicar o lugar de todos os alunos, independente de suas particularidades, no espaço da escola regular. Em 2008, a perspectiva inclusiva é introduzida na Política de Educação Especial, inaugurando uma nova forma de compreender e ofertar a educação para os alunos com deficiência, uma vez que a educação especial torna-se uma modalidade de ensino transversal à educação regular. Ou seja, os alunos que antes trilham seu percurso educacional em espaços segregados, a partir de 2008, tinham assegurados a educação nas escolas regulares (Brasil, 2008).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) tem como objetivo principal garantir a inclusão escolar de alunos com deficiência, com Transtorno do Espectro Autista, e altas habilidades e ou superdotação, garantindo assim o acesso ao ensino e aprendizagem (Brasil, 2008). Logo, a inclusão escolar tem início na educação infantil, onde são desenvolvidas as bases necessárias para seu desenvolvimento global, devendo haver muitos estímulos no aspecto físico, cognitivo e lúdico.

É de extrema importância a PNEEPEI, datada de 2008, porém, temos um

caminho longo para percorrer até que uma prática eficaz seja alcançada. Atualmente, com a chegada crescente de alunos com deficiência nas escolas regulares, os professores e os demais profissionais da educação se encontram perdidos, angustiados e sem saber como agir corretamente.

A efetivação da política na atualidade em maior investimento na estrutura física e capacitação dos profissionais da educação. Sabemos que o acesso à educação e o direito à aprendizagem são garantias constitucionais, sendo para todos e como dever do Estado e da família. A cada dia os profissionais da educação se deparam com uma diversidade de experiências, habilidades, contextos e capacidades nas salas de aula, realidade que deve integrar as práticas educacionais inclusivas. Alunos ou crianças público-alvo da educação especial não devem ter somente suas matrículas garantidas na escola regular, mas sim precisam ter seus direitos efetivamente garantidos de acordo com o que a lei exige. É possível perceber hoje que as escolas têm a falta de preparação dos profissionais da comunidade escolar ao receber esses alunos, a precariedade na infraestrutura física, de um apoio efetivo dos órgãos responsáveis, do mal acolhimento das famílias e a falta de fiscalização.

Além da Política de 2008, cabe destacar a Lei nº 12.764, conhecida também como Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2012). Trata-se de um marco pois reconhece a pessoa com TEA como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais e cria a Carteira de Identificação da Pessoa com TEA (Ciptea). No que tange à escolarização, a lei assegura o direito ao acesso à educação, o direito a acompanhamento especializado, em caso de necessidade, e prevê a punição para o gestor escolar em caso de recusa de matrícula.

Como reflexo dos movimentos gerados pela Política de 2008, a Lei Berenice Piana e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), atualmente, cada vez mais as escolas têm recebido crianças com deficiência. Dados do último censo escolar mostram o aumento significativo do número de matrículas de alunos considerados público-alvo da educação especial em todas as etapas de ensino. Na educação infantil, foco do presente trabalho, consta 366.423 matrículas de alunos com deficiência, TEA ou altas habilidades em classes comuns (INEP, 2025).

Dessa forma, a escola se vê convocada a acolher estes alunos, o que resulta na promoção da diversidade, sendo um espaço de convívio com as diferenças. Mas,

para que isso ocorra, é fundamental que os professores e os profissionais da educação estejam preparados, compreendendo o papel social que exerce a instituição escolar e a necessidade de qualificação para acolher e incluir esses alunos, assim como também o governo precisa disponibilizar cursos de formação para os professores e demais profissionais da educação.

Sobre este novo cenário escolar, Barbosa *et al.* (2013, p. 19780) afirmam que

Com aquisição de novos valores e princípios, a sociedade se mostra cada vez mais presente em discussões sobre a importância da educação inclusiva, em decorrência disso, uma série de políticas públicas têm sido desenvolvidas para promover a inclusão de crianças com deficiência em escola de ensino regular. Essa realidade é proveniente de mudanças significativas que vêm ocorrendo no âmbito da educação escolar que ressaltam a importância de adequar os ambientes educacionais às necessidades da criança com deficiência. A escola que antes excluía e rejeitava crianças com deficiência, agora se vê desafiada a prover um ensino de qualidade, criando metas para enfrentar e superar as dificuldades enfrentadas.

Acredita-se que o ingresso dessas crianças nas escolas traz ganhos não só para elas, mas, sim, para toda a família, pois possibilita os pais conviverem com outros pais que passam pela mesma situação, criando uma relação entre escola e outras famílias e compartilham das mesmas angústias. Assim como também para as demais crianças e a escola. De acordo com Serra (2010, p. 47):

A matrícula da criança portadora de autismo¹ na escola pode trazer alterações no seio familiar, na medida em que a criança está frequentando mais um grupo social tendo a oportunidade de conviver com outras crianças. Os pais, por sua vez, passam a conviver com outros pais nesse novo universo e a acreditar nas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem sistemática de seus filhos.

Portanto, é de suma importância que a escola se atente para construir uma relação com a família, pois este contato pode proporcionar benefícios para o processo de inclusão escolar da criança, como mencionado por alguns estudos (Maturana; Cia, 2015; Ramos; Azevedo, 2024; Garcia, 2020). Retornaremos a essa discussão mais a frente, após apresentarmos o debate a respeito da inclusão escolar de crianças autistas.

¹ Cabe destacar que a autora utiliza o termo “criança portadora de autismo”, mas compreendemos as controvérsias que envolvem este termo. Por isso, neste trabalho prioriza-se a utilização de termos como “crianças autistas” ou “crianças diagnosticadas com TEA”.

2.1 PARTICULARIDADES DA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS

A entrada da criança autista na escola, principalmente na Educação Infantil, gera grande preocupação tanto por parte da escola quanto por parte da família. É importante frisar que a educação infantil é a primeira etapa de ensino, na qual muitas crianças experienciam pela primeira vez a ida à escola, ou seja, é o período que a criança vivencia pela primeira vez a circulação pelo espaço social, para além da convivência no ambiente familiar (Silva; Dias, 2022). Diante disso, por parte da família surgem questionamentos acerca da entrada do filho na escola, já que demarca a entrada no mundo público e coletivo, para além do núcleo privado, e por parte da escola emergem questões sobre como incluir essa criança e manejar a relação com a família. Geralmente a escola precisa recorrer a recursos e estratégias pedagógicas, além de construir um plano pedagógico individualizado, considerando as necessidades e particularidades de cada aluno, o que não é possível realizar sem a participação da família.

Entretanto, isso não é tarefa fácil, pois, segundo Scardua (2008), para que haja inclusão escolar, é necessário comprometimento por parte de todos os envolvidos, ou seja, alunos, professores, pais, secretária, supervisora, diretor, enfim, todos que participem da vida escolar direta ou indiretamente. É essencial focar nos potenciais de cada aluno, sendo necessário que o educador transmita confiança e segurança para que o aluno aprenda de forma significativa, e que o ensino seja de qualidade, tendo como foco sempre a realidade de cada criança.

Os professores devem considerar que, além dos conteúdos escolares a serem aprendidos, ao iniciar na escola, a criança com deficiência precisa ter a seu alcance condições, proporcionadas pela escola, para que ela usufrua do processo educativo. Além disso, conforme as possibilidades de cada criança, é possível buscara sua autonomia, de forma que ela possa realizar e desenvolver atividades do dia-a-dia cada vez mais de maneira independente. Para isso, é necessário identificaras metas pedagógicas relacionadas à cada criança, os objetivos de aprendizagem, suas necessidades de apoio, seus potenciais e limitações. Além disso, é importante também a constante análise, acompanhamento e avaliação durante o processo de ensino-aprendizagem. A partir disso, o professor poderá

avaliar a criança em seus avanços e entraves.

Entretanto, para que o professor consiga fazer essa relação sobre o que e como ensinar o aluno autista é necessária formação adequada, caso contrário a metodologia utilizada em sala não servirá para alcançar o objetivo desejado, que é a aprendizagem. Esse é um grande problema encontrado nas escolas, pois os professores não se sentem preparados para lidar com essas crianças, pela ausência de formação (Moraes; Arrua; Silva, 2023). A inclusão das crianças com autismo na escola precisa de atenção de todos os envolvidos.

Fator muito importante que deve ser trabalhado com crianças autistas é a rotina, a quebra de uma rotina pode desencadear varis tipos de comportamento na criança, no qual pode levá-la a ficar agitada e com isto a recusa a ir em frente enquanto não se retorne ao padrão que estava anteriormente. A rotina para estas crianças é fundamental para que consigam se organizar no tempo, espaço e conseqüentemente aprender.

Desse modo, acredita-se que a convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, possa oportunizar os contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas últimas convivam e aprendam com as diferenças(Oliveira, 2020).

É fundamental que a escola saiba o seu papel acerca da inclusão de alunos autistas, para isso ela tem que se fundamentar no conhecimento acerca desse transtorno, como também de todos outros casos de crianças com especificidades. É importante buscar o conhecimento sobre o aluno antes mesmo que ele chegue à escola, o que será o trabalho da secretaria escolar no ato da matrícula assim como da direção e supervisão. Com isso, a escola pode se preparar para o acolhimento do aluno, a partir daquilo que a família oferece de informações sobre ele, tornando possível orientar os professores e demais profissionais.

Para Silva e Almeida (2021, p.3),

O processo de inclusão envolve muitas demandas uma vez que cada aluno deve ser atendido de acordo com suas particularidades e necessidades. Porém, nem sempre os envolvidos no processo sabem como fazer com que esse processo de inclusão possa acontecer de fato, sem deixar de atender a criança na sua integralidade.

Portanto, é fundamental, para que a Educação inclusiva seja realmente implementada, passe por diversos caminhos fazendo com que as crianças sejam respeitadas, não sejam rejeitadas e muito menos submetidas a preconceitos, sendo valorizadas de acordo com suas características singulares.

2.1.1 Breves reflexões sobre a categoria diagnóstica do autismo e as implicações para o contexto escolar

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), de acordo com a quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), é caracterizado como um transtorno de neurodesenvolvimento que acarreta prejuízos ao desenvolvimento global do indivíduo em dois principais aspectos: comunicação social/comportamentos e interesses restritos e repetitivos (Soares; Brito, 2024). Geralmente os primeiros sinais são apresentados no decorrer dos primeiros anos de vida.

Os primeiros escritos sobre o autismo foram realizados na década 40, tendo o psiquiatra Leo Kanner como pioneiro. Embora a causa do autismo ainda seja desconhecida, há a necessidade de atendimento e investimento na aprendizagem e desenvolvimento das pessoas que apresentam o transtorno. Nesse sentido, a educação como direito a todas as pessoas, também deve ser oferecida a esse grupo de pessoas, especialmente aqueles que se encontram em idade escolar.

A criança pode manifestar comportamentos que prejudiquem danos a relação de afetividade, manifestando comportamentos repetitivos que para a criança são formas de se colocar no ambiente e responder demandas externas, sendo através da agressividade, isolamento, estresse e mal adaptação a lugares que lhe são estranhos. Tendo como principais e mais perceptíveis sinais do autismo a dificuldade nas relações sociais e afetivas.

Existem aquelas pessoas com maior ou menor grau de comprometimento diante do quadro do autismo, Klin(2006,p.6)destacaque:

Há uma variação notável na expressão de sintomas no autismo. As crianças com funcionamento mais baixo são caracteristicamente mudas por completo ou em grande parte, isoladas da interação social e com realização de poucas incursões sociais. No próximo nível, as crianças podem aceitar a interação social passivamente, mas não a procuram. Nesse nível, pode-se observar alguma linguagem não

espontânea. Entre as que possuem grau mais alto de funcionamento e são um pouco mais velhas, seu estilo de vida social é diferente, no sentido que elas podem interessar-se pela interação social, mas não podem iniciá-la ou mantê-la de forma típica. O estilo social de tais indivíduos é denominado 'ativo, mas estranho', no sentido de que eles geralmente têm dificuldade de regular a interação social após o início do contato. As características comportamentais do autismo se alteram durante o curso do desenvolvimento.

Podemos observar características como dificuldade em lidar com mudanças tanto em seu ambiente familiar, como em sua rotina, possuindo também uma hipersensibilidade a estímulos, reagindo de maneira excessiva a muitos ruídos e objetos e também dificuldade com a alimentação.

Geralmente as crianças com TEA possuem comprometimento na socialização, comunicação e na imaginação, sendo a família os primeiros agentes de inclusão e socialização contribuindo para o desenvolvimento humano da criança, no alicerce da afetividade, desenvolvimento cognitivo. Muito importante que a família possa ressignificar o diagnóstico e mobilizar-se em prol do tratamento da criança. Em contrapartida, é importante reconhecer que as famílias necessitam de suporte social, psicológico para enfrentarem os desafios, se adequando as necessidades e anseios da criança com autismo, objetivando proporcionar qualidade de vida para os familiares.

3 FAMÍLIA E ESCOLA: RELAÇÕES QUE EDUCAM

O autismo pode provocar muitos desajustes na rotina familiar, demandando dedicação, resiliência da família, afeto e reorganização da dinâmica familiar. Há um impacto significativo da família ao tomar conhecimento a respeito do diagnóstico do filho. Passos e Kishimoto (2022) ressaltam como o diagnóstico pode gerar nos pais sentimentos de baixa auto estima, culpa, impacto na dinâmica familiar, insegurança, preocupação e problemas financeiros. Ou seja, a notícia do diagnóstico para a família pode muitas vezes ser devastadora, e por isso é fundamental que haja uma aproximação sensibilizada dos profissionais envolvidos com a família, para que possa ser realizado durante um processo respeitoso, honesto e que preze pelo compartilhamento de informações de maneira clara e objetiva. Pinto *et al.* (2016) apontam a necessidade de o profissional se atentar para a forma como o diagnóstico será revelado à família por reconhecer o impacto do diagnóstico nas relações familiares.

Dessa forma, o impacto do laudo pode mobilizar a família de forma a reorganizar a rotina dos pais conforme as demandas, podendo impactar também os lugares que serão ou não frequentados, a vida social, as amizades. Tais mudanças podem ser desafiadoras por gerarem dúvidas, frustrações, medo, vergonha e até isolamento social frente aos estigmas sofridos.

A família representa o local de socialização de grande relevância para o desenvolvimento da criança, onde ela expressa seus primeiros comportamentos, trazendo consigo seus valores, crenças, crescimento em grupo ou individual. Portanto, a família, enquanto primeiro espaço de socialização da criança possui a função de construir os vínculos afetivos e a identidade, sendo um referencial no desenvolvimento cognitivo, emocional e moral. Enquanto a escola, representa a inserção inaugural da criança no espaço público, já que a criança passa a circular por um espaço coletivo, com outro tempo, ritmo e regras (Dessen; Polonia, 2007).

Portanto, escola e família são instituições fundamentais para o desenvolvimento da pessoa humana. Ambas promovem o crescimento físico, intelectual, emocional e social do ser humano (Dessen; Polonia, 2007). Nas palavras de Dessen e Polonia (2007, p. 22)

Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

Nesse sentido, tanto a família quanto a escola participam significativamente da transmissão das marcas simbólicas e dos aspectos da cultura na qual estamos inseridos, apesar de possuírem funções distintas, como ressaltado pelas referidas autoras. Enquanto a família é a primeira instituição social, que medeia a relação homem e cultural, sendo responsável pela transmissão de valores e crenças, a escola é o espaço fundamentalmente destinado à oferta de interações complexas, conflituosas e de diferenças que proporcionam, através desse microsistema societário, as relações interpessoais.

De acordo com Serra (2010, p. 47),

A escola é o único espaço social que divide com a família a responsabilidade de educar. Ela favorece uma certa transitoriedade entre as diferenças individuais e as necessidades do grupo, oferecendo ao indivíduo oportunidades de comportamentos mais socializadores.

Nesse sentido, além da escola promover a socialização, ela também promove a transmissão dos conhecimentos formais que compõem o currículo escolar. É nesse ponto que escola e família convergem para a mesma direção na educação das crianças, pois a escola para a construção do conhecimento formal conta com aquilo que se aprende no seio familiar (Dessen; Polonia, 2007). Nesse sentido, escola e família embora tenham objetivos diferentes, trabalham com o intuito de “preparar crianças e adolescentes para a inserção na sociedade” (Oliveira; Marinho- Araújo, 2010, p. 107)

No caso da inclusão de crianças autistas, a família tem uma grande importância em dispor de informações para auxiliar e contribuir com as ações educacionais voltadas a inclusão da criança, onde a parceria entre os pais e escola poderão ajudar nas trocas de experiências, fazendo com que melhores condições aconteçam para tomar medidas necessárias para o desenvolvimento da criança durante o seu processo de ensino-aprendizagem. Conforme Serra (2010, p. 49):

É muito importante que haja uma parceria entre familiares e escola, pois os pais são portadores de informações preciosas que podem colaborar com o planejamento das intervenções educacionais das crianças autistas. A parceria entre família e escola pode se configurar especialmente por meio dos serviços de aconselhamento para amenizar o estresse e garantir a motivação para a continuidade do tratamento do filho e das técnicas dentro de casa.

Por outro lado, cabe destacar a importância do apoio que a família deve receber de forma que ela se sinta acolhida e que junto com a escola busquem caminhos que levem a estimular o desenvolvimento e aprendizado da criança. Esta acolhida proporcionada pela escola pode gerar segurança na família e pode permitir que essa relação seja construída mais continuamente, ao invés de ser uma relação situada apenas diante de situações-problema, tal qual Cabral, Falcke e Marin (2021) identificaram em sua pesquisa. Nas palavras das autoras,

embora muitas vezes a relação entre pais e professores esteve calcada em situações-problema com a criança, [...] constatou-se que a comunicação existente e o esclarecimento de dúvidas estavam sendo importantes para a tranquilidade dos pais em deixar seu filho na escola e para o desenvolvimento da criança (Cabral; Falcke; Marin, 2021, p. 505).

O estudo de Bhering e De Nez (2002), realizado no âmbito da creche, com pais de crianças de 0 a 6 anos, professores e profissionais da educação, identificou que a forma como a aproximação ocorre entre pais e familiares dificulta a um vínculo mais estreito, que reconheça a possibilidade de envolvimento dos pais e na sua participação ativa, ficando restrita à creche esta participação em relação aos cuidados da criança.

Diante de vários aspectos apresentados, podemos constatar que, para que haja uma evolução da educação da criança com TEA, é preciso uma integração da família e escola. Tanto a escola quanto a família proporcionam experiências coletivas à criança e promovem as relações interpessoais, transmitindo os modos como nos relacionamos culturalmente ea forma como a nossa sociedade se rege por normas. As marcas deixadas por essas duas instituições impactam o desenvolvimento social e cognitivo das crianças e, por isso, a importância dessa relação entre família e escola, capaz de alinhar a atuação e construir um trabalho colaborativo entre pais/responsáveis e os profissionais da educação.

4 PLANO DE AÇÃO: INVESTIGANDO A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA EM UMA CMEI

Com o objetivo de investigar como se constrói a relação família-escola no contexto de inclusão escolar de alunos autistas em uma escola municipal de educação infantil localizada em Itabirito (MG), e visando promover estratégias de parceria entre escola e família, foram definidas duas etapas do plano de ação: a aplicação de questionários e a elaboração de uma cartilha.

A primeira etapa consistiu na coleta de dados através de questionários aplicados, no período de fevereiro, à direção, à coordenação, ao psicólogo, ao fonoaudiólogo, à professora e à família de uma criança diagnosticada TEA. Pretendeu-se identificar como se dá a relação família-escola no cotidiano escolar, quais as percepções tanto dos profissionais quanto da família, e quais as implicações desta relação para o processo de inclusão de um aluno autista.

Em seguida, com os dados coletados e a análise dos resultados foi possível elaborar uma cartilha, destinada aos profissionais da educação e familiares, que compartilha de forma acessível os resultados e as informações colhidas neste trabalho. O intuito é propor a disseminação do conhecimento acerca da importância da relação família-escola para a inclusão escolar de crianças autistas e a apresentação de estratégias possíveis de parceria (Anexo D).

Passaremos a apresentar primeiramente o campo de pesquisa, situando a escola onde os profissionais participantes da pesquisa atuam e que o aluno da família participante está matriculado. Em seguida, os participantes serão apresentados para, por fim, realizar a discussão e a análise dos dados colhidos através dos questionários.

4.1 O CAMPO DE PESQUISA

A Secretária Municipal de Educação – SEMED no ano de 2013 realizou um diagnóstico na Rede Municipal de Ensino, identificando a necessidade de apoio e orientação em relação à inclusão das crianças com deficiências, transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação, no ano de 2015 foi inaugurado o espaço para atendimento.

Vinculado à SEMED, há um espaço nomeado CMAEE - Centro Municipal de

Atendimento Educacional Especializado, no qualos profissionais especializados promovem triagens nas escolas, estudando casos apresentados e realizando mapeamento, atendimento e possíveis encaminhamentos para a rede de Saúde do município. Conta com especialistas em diversas áreas de atendimento escolar como psicopedagogia, psicóloga, terapia ocupacional e fonoaudiologia, tendo como prioridade educação pública e de qualidade para todos, principalmente com a contratação de professores de apoio para acompanhar os alunos da educação especial.

Além do espaço do CMAEE - Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado, foram instaladas, em 2016, salas de atendimento especializado em três escolas municipais. Chamadas de salas de recursos, os espaços dão apoio ao aprendizado de estudantes com necessidades especiais e contam com material e equipamentos específicos para auxiliar os alunos.

Além do CMAEE, a rede conta com o Centro Especializado em Reabilitação – CER, voltado à atenção à pessoa com deficiência no SUS. Sendo um ponto de atenção ambulatorial especializado em reabilitação que realizadignóstico, tratamento, concessão, adaptação e manutenção de tecnologia assitiva, constituindo-se em referência para a rede de atenção à saúde da pessoa com deficiência no território. E também produzir e ofertar informações sobre direitos à pessoa com deficiência; - Auxiliar na construção de indicadores para o monitoramento da rede; - Realizar visitas domiciliares em conjunto com a equipe de Atenção Básica quando necessário.

A pesquisa foi realizada numa Escola Municipal de Educação Infantil localizada na Cidade de Itabirito (MG). Atualmente o CMEI possui 132 alunos em que oito desses são alunos com deficiência. A instituição atende os anos iniciais distribuídos em quatro salas de aula, do Maternal III até o 2º período, funcionando nos turnos matutino e vespertino.

Tendo em vista o objetivo deste trabalho, foram convidados a participar do questionário: diretora, supervisora, psicólogo, fonoaudiólogo, professora de uma criança autista e a mãe desta criança, que serão apresentados a seguir.

4.2 PARTICIPANTES

Com a intenção de investigar como se constrói a relação família-escola no

contexto de inclusão escolar de alunos autistas, a coleta de dados contou com a participação de seis sujeitos, entre eles: diretora, supervisora, professora, psicólogo, fonoaudióloga de uma escola municipal de educação infantil e uma mãe de um aluno autista. O quadro abaixo apresenta os participantes desta primeira etapa:

Quadro 1 – Apresentação dos participantes

| Função | Tempo de atuação docente | Tempo de trabalho na escola |
|-------------------------|---------------------------------|------------------------------------|
| Professora | 11 anos | 6 anos |
| Diretora | 7 anos | 7 anos |
| Supervisora | 13 anos | 2 anos |
| Fonoaudióloga | - | 2 anos |
| Psicólogo | - | 3 meses |
| Mãe de um aluno autista | | |

Fonte: Elaboração própria (2025).

A escolha dos participantes ocorreu de forma intencional, considerando a relação direta que cada um dos sujeitos possuíam com o processo de inclusão escolar de crianças autistas e sua vivência no contexto escolar. Cabe justificar a participação do psicólogo e do fonoaudiólogo na pesquisa, já que eles não são profissionais da escola e sim do CMAEE. O CMAEE oferece serviços especializados, como já foi dito anteriormente, possuindo alguns núcleos de atuação, como a Equipe de Apoio ao Aluno, Equipe de Apoio à Educação Especial e Equipe de Apoio à Escola. No caso desta última, conta com a presença do fonoaudiólogo educacional e o psicólogo escolar, ambos tendo como função o acolhimento de casos, identificação de demandas e queixas, orientações e capacitações, e elaboração de estratégias coletivas. Portanto, uma das competências do psicólogo e do fonoaudiólogo, no contexto da equipe de apoio à escola, é acolher os casos e mediar a relação com a família, o que justifica o convite feito aos dois profissionais.

Uma mãe de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi escolhida para responder ao questionário com o intuito de captar informações relevantes e significativas que contribuam para a análise da relação família-escola no contexto da inclusão de crianças com TEA. A intenção foi colher dados de uma

figura familiar, responsável direta pelo acompanhamento do desenvolvimento e da rotina da criança e principal cuidadora, tanto no ambiente familiar quanto escolar. Sua vivência diária permite uma compreensão mais profunda das necessidades, desafios e avanços da criança, além de oferecer uma perspectiva sensível e detalhada sobre o processo de inclusão escolar.

O convite se deu diretamente com os participantes, a partir do compartilhamento do objetivo da pesquisa e da importância da participação de cada um. Após o aceite, houve a assinatura do ofício de participação e os questionários foram compartilhados através do WhatsApp de cada participante, assim como o retorno das respostas. Foram aplicados três diferentes questionários, sendo um para os profissionais da educação, como direção, supervisão, psicólogo escolar e fonoaudiólogo escolar. Outro questionário para a professora e outro direcionado à família (Anexo A, B, C).

Após a aplicação dos questionários, foram definidas quatro categorias de análise, que serão apresentadas no tópico a seguir.

4.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Os questionários aplicados aos profissionais da educação e à família irão auxiliar na identificação de elementos importantes a serem considerados na investigação da temática proposta. Cabe destacar que os dados revelam o contexto da escola municipal pesquisada.

Após a aplicação, foram definidas quatro categorias de análise: o lugar dos profissionais na construção do diálogo; a percepção dos profissionais a respeito da relação família-escola no processo de inclusão escolar; desafios encontrados pela escola na relação família-escola; e as estratégias da escola para construir a relação família-escola. As categorias de análise foram definidas com o intuito de sistematizar os dados coletados dos questionários aos cinco profissionais e um familiar.

A intenção desta análise é extrair elementos importantes destas categorias para construir a segunda parte da intervenção que consiste na elaboração de uma cartilha a respeito de estratégias possíveis para a parceria escola-família. Passaremos, então, a discussão dos dados, a seguir.

4.3.1 Lugar dos profissionais na construção do diálogo

A aplicação dos questionários nos permitiu verificar o apontamento feito pelos profissionais sobre a função da equipe escolar – diretores e supervisora – na construção de uma relação com a família. A diretora ressalta a importância de promover ações capazes de aproximar à família ao ambiente escolar. O que nos leva a pensar quais ações seriam essas? A supervisora, por sua vez, afirma “*a coordenação Pedagógica tem como uma de suas atribuições construir um elo de ligação entre professor e família*”. Com esta fala, é possível compreender a necessidade de reuniões com as famílias, promovendo um espaço privilegiado de trocas entre os pais/responsáveis e a equipe escolar, com o objetivo, como afirma Serra (2010), de compartilhar as estratégias que estão sendo desenvolvidas na escola de forma a dar continuidade em casa, assim como o inverso, dando abertura também para os saberes produzidos no âmbito familiar. E este compartilhamento, especialmente do lado da escola, sempre deve ressaltar as potencialidades das crianças, mas também os impasses enfrentados por elas.

Sobre a colaboração entre família e escola, a mãe avalia como um aspecto essencial, que permite “*identificar necessidades, adaptar estratégias e garantir que todos os alunos se sintam acolhidos e apoiados. Essa parceria fortalece a inclusão e beneficia o desenvolvimento de cada criança.*”

Segundo o psicólogo, “*o papel da equipe gestora é mediar e facilitar o diálogo entre família e professora, garantindo uma comunicação aberta e eficiente. A equipe atua estabelecendo canais de comunicação claros e resolvendo possíveis conflitos. Além disso, eles auxiliam na sensibilização sobre a importância da participação familiar no processo educacional e na inclusão, promovendo um ambiente colaborativo que beneficia o desenvolvimento do aluno*”. Isso nos leva a refletir que esse espaço de troca possibilita não somente a aproximação familiar de forma a construir um trabalho colaborativo, mas também a mediação entre a família e a professora, ferramenta fundamental que colabora com as atuações realizadas em sala de aula. De acordo com a professora, esse conhecimento sobre o aluno e a família é essencial para o trabalho pedagógico. Em suas palavras, “*a colaboração entre pais e educadores permite um entendimento mais profundo das necessidades dos alunos, facilitando adaptações e estratégias que promovam a inclusão*”.

Além disso, cabe destacar que, fomentar a participação ativa da família na escola e no processo de escolarização do aluno, é reflexo da atenção da escola às

particularidades e vivências familiares. Esta atenção resulta em um espaço de acolhimento para as famílias, que, muitas vezes, podem se sentir solitárias frente ao processo de inclusão e de ensino-aprendizagem dos seus filhos, especialmente quando a escola se distancia das famílias por não levar em conta a herança sociocultural deles e não reconhecer a potência da coparticipação dos familiares no processo de inclusão (Tomé; Martins; Gimenez, 2023). Além disso, estas famílias, segundo Serra (2010), geralmente, vivem experiências de exclusão, alterações na dinâmica familiar e na vida profissional. Consoante com esta perspectiva, Maturana e Cia (2015) destacam as mudanças ocorridas no seio familiar de uma criança com deficiência e como o ambiente escolar pode servir como um suporte para a família. Considerando este contexto, a escola, enquanto um espaço social que recebe e acolhe as crianças, deve também acolher os pais, as suas inquietações, angústias e insegurança.

Além do acolhimento, é importante aproveitar este espaço para sensibilizá-los, como o psicólogo participante da pesquisa destaca no questionário, no sentido de compreender a importância do compartilhamento de determinadas informações e da sua participação ativa que poderão colaborar para o planejamento pedagógico construído pela professora juntamente com a equipe. Nesse sentido, Serra (2010, p. 49) destaca que “os pais são portadores de informações preciosas que podem colaborar com o planejamento das intervenções educacionais das crianças autistas”.

Por parte da percepção da mãe participante da pesquisa, esta relação construída entre família e escola é *“muito positiva. A equipe é acolhedora e sempre aberta ao diálogo. Embora existam desafios ocasionais, como adaptações necessárias, sinto que estamos alinhados e trabalhando juntos para o melhor desenvolvimento do meu filho”*. A mãe, portanto, reconhece a importância desta construção do diálogo proporcionado pela escola para o alinhamento das questões referentes ao processo de escolarização do seu filho. Ela ainda pontua a experiência dela quando seu filho foi matriculado nesta escola. Em suas palavras, *“O processo de matrícula foi tranquilo. Apesar de meu filho não ter um laudo fechado na época, a escola foi receptiva e disposta a ouvir nossas preocupações. A equipe pedagógica estava aberta a adaptar o ambiente para ajudá-lo, o que tornou a transição mais fácil e positiva”*.

Em suma, a partir das respostas dos participantes, é possível extrair quatro funções deste diálogo promovido através de ações da escola: conexão e mediação

entre professor e família através do contato direto dos gestores como a direção e a supervisão; construção de um trabalho colaborativo, permitindo a troca de saberes produzidos tanto pelos familiares quanto pelos profissionais da escola; acolhimento das famílias, percebendo a importância de ouvi-los nas suas angústias e anseios frente às questões pedagógicas da criança; sensibilização das famílias sobre a participação ativa no processo de inclusão e na construção do trabalho pedagógico junto à escola.

Estas quatro funções somente serão possíveis se houver um trabalho tanto por parte da escola quanto por parte da família. Como ressaltam Maturana e Cia (2015, p. 356), “o bom relacionamento família-escola depende de esforços bilaterais que envolvam comunicação e proporcionem espaços comuns de discussão”. Isso quer dizer que por parte da escola é preciso haver o reconhecimento do papel essencial que a família exerce quando está próxima do processo de inclusão e do reconhecimento da sua própria função enquanto promotora de estratégias de diálogo com as famílias. Ou seja, é preciso construir ações de comunicação para além do uso de bilhetes e cadernos de recados, ações eficazes que promovam a participação da família com seus saberes (Tomé; Martins; Gimenez, 2023). Em contraponto, por parte da família, é preciso se abrir para esse diálogo, reconhecendo a sua participação e o seu papel diante da educação dos seus filhos

4.3.2 Percepção dos profissionais sobre a relação família-escola no processo de inclusão escolar

Os questionários nos apontaram a percepção convergente dos profissionais em relação ao processo de inclusão escolar, conforme relata a diretora, “*a parceria é fundamental e indispensável para que a inclusão aconteça*”. Assim como o psicólogo, a supervisora, a fonoaudióloga e a professora. Todos pontuam sobre a importância desta relação.

A perspectiva dos profissionais está alinhada à literatura, como vimos anteriormente que a relação existente entre escola e família é crucial no processo de inclusão, assim como a comunicação aberta, valorização, a parceria e o respeito. A parceria possibilita que a criança tenha acesso a educação de qualidade e com isto melhor desenvolvimento nas suas potencialidades.

Conforme relata a supervisora, percebe-se que existe uma diversidade de

famílias e culturas. *“Mesmo convivendo em um mesmo bairro, percebi que as famílias apresentam realidades e concepções de educação muito diferentes. Neste processo da inclusão escolar, acredito que o caminho percorrido é longo e estamos caminhando a passos lentos para melhorar essa relação entre a escola e as famílias. São vários perfis, umas famílias, por exemplo, procuram a escola com bastante frequência e se encontram ansiosas por intervenções em todas as áreas possíveis do conhecimento. Outras estão na fase de não aceitar um diagnóstico ou laudo e se esquivam de reunir com a escola. Existem aqueles pais que são super protetores e custam a confiar no trabalho pedagógico, e equipe escolar como um todo”*.

Esta fala da supervisora nos indica a existência de diferentes realidades familiares e que a escola precisa estar atenta sobre isso. Dessen e Polonia (2007, p. 28) destacaram, a partir da sua pesquisa, a dificuldade de a escola incorporar “em seus espaços acadêmicos, sociais e de interação, os diferentes segmentos da comunidade”, o que impossibilita a interação família-escola. Por isso, as autoras destacam a necessidade de a escola reconhecer e adotar como parte do projeto político-pedagógico a participação dos pais, no sentido de valorizar e reconhecer a cultura familiar.

Além disso, a supervisora mencionou que acredita que *“deve existir um bom relacionamento da família com a equipe escolar. Vejo que quando temos famílias participativas, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças acontece de forma mais significativa e positiva”*. Com esta fala podemos refletir como a participação da família impacta o percurso escolar e de aprendizagem da criança, e mais do que isso, o processo de inclusão escolar de alunos autistas. No entanto, como nos apontam Cabral, Falcke e Marin (2021), nem todas as escolas estão comprometidas a estabelecer esta troca com a família visando o processo de inclusão escolar da criança. As vezes esse diálogo é motivado apenas quando há uma situação-problema, tal qual ressaltam Cabral, Falcke e Marin (2021).

Em consonância com a perspectiva da supervisora, o psicólogo indica que esta relação *“permite uma troca constante de informações, colaboração mútua e apoio emocional à criança. Essa parceria facilita a adaptação pedagógica às necessidades específicas do aluno e promove um ambiente mais inclusivo, beneficiando tanto o aprendizado quanto o desenvolvimento social”*. Quanto a esse compartilhamento de informações primorosas que a família detem, Serra (2010)

destaca o papel fundamental para o processo de escolarização, especialmente das crianças autistas. Pois o saber familiar pode contribuir para a direção e a orientação das práticas pedagógicas que serão construídas.

O psicólogo, ainda complementa, que *“a participação da família é fundamental nas questões que envolvem a escola. Ela contribui para o desenvolvimento integral do aluno, reforça a importância do aprendizado e da inclusão, e permite que a escola compreenda melhor as necessidades individuais dos estudantes. Essa parceria também fortalece o vínculo entre o ambiente escolar e o familiar, criando uma rede de apoio que favorece o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional da criança”*.

Nesta mesma perspectiva, a professora indica que *“a colaboração entre pais e educadores permite um entendimento mais profundo das necessidades dos alunos, facilitando adaptações e estratégias que promovam a inclusão. Essa parceria fortalece o apoio ao aluno e cria um ambiente mais acolhedor, essencial para o desenvolvimento de todos”*. Além disso, ela ainda indica que esta colaboração permite construir um espaço escolar comprometido com o aprendizado e o desenvolvimento do aluno. Nesse sentido, podemos inferir que a escola, em todo momento, deverá estar aberta a escutar os pais, entender as necessidades e dificuldades dos alunos, buscando soluções para problemas que possam surgir.

Conforme relata a fonoaudióloga, essa aproximação família-escola ocorre *“através do contato diário com o uso da agenda escolar, participação ativa de reuniões coletivas e individuais na escola, parceria com atualização de laudos e relatórios médicos do aluno”*. No entanto, cabe ressaltar que a participação da família pode ir além do simples compartilhamento do laudo médico. A família conhece o aluno e pode oferecer informações sobre seus gostos, seus interesses, sua forma de se comunicar e de se relacionar com o mundo. Esta parceria deve ser mais do que algo protocolar e sim fazer parte da cultura escolar, a partir do reconhecimento da escola de sua função diante da construção desta relação. É importante que a escola crie formas de convocar e aproximar esta família ao contexto escolar de forma contínua.

Por parte da percepção da mãe participante da pesquisa, a relação entre escola-família é avaliada positivamente, pois, para ela, *“a comunicação é clara e constante, e a equipe se mostra sempre disposta a ouvir nossas preocupações e sugestões. Isso cria um ambiente colaborativo e de confiança”*. Esta fala revela o

que foi visto no referencial teórico no que diz respeito sobre a necessidade do acolhimento da escola para gerar segurança nos familiares em relação ao processo de inclusão escolar da criança.

4.3.3 Desafios encontrados frente a relação família-escola

As respostas dos profissionais demonstraram bastante preocupação e também sugestões variadas de como enfrentar e alcançar os desafios frente a relação família e escola. Conforme a direção da escola os desafios estão presentes e fazem parte de todo o processo educacional.

De uma forma geral, a supervisora, o psicólogo, a fonoaudióloga e a professora apontam desafios relacionadas à construção desta parceria do lado da família, ou seja, depositando o desafio desta construção na forma como a família reconhece ou não a importância desse diálogo.

Para a supervisora, *“existem sim desafios para dialogar com algumas famílias que se mostram às vezes mais introspectivas, ou inseguras e até mesmo querendo impor como devemos ensinar as crianças”*. De acordo com o psicólogo, *“entre os principais obstáculos estão a falta de engajamento de alguns responsáveis e dificuldades de comunicação. Além disso, diferenças socioculturais e expectativas distintas sobre o papel da escola podem dificultar a construção de uma parceria efetiva”*.

Na perspectiva da fonoaudióloga, *“às vezes a família é negligente e não participa ativamente do desenvolvimento escolar do aluno, não comparecendo às reuniões, recusando a sala recurso, não sendo regular nos atendimentos da criança na saúde, deixando a escola desatualizada em relação às intervenções que estão sendo feitas e também não trazendo as evoluções/ mudanças da criança em ambiente familiar[...]”*.

As falas da supervisora, do psicólogo e da fonoaudióloga apontam família como um obstáculo para a construção da parceria com escola, isso porque, de acordo com eles, a família pode se impor de uma determinada forma diante da escola, ou ser pouco implicada no processo de escolarização do aluno. No entanto, é importante frisar que os desafios dessa relação também se encontram do lado da escola. Oliveira e Marinho-Araújo (2010) ressaltam a visão distorcida por parte da escola nesta construção da relação, pois muitas vezes há uma tendência mínima da

escola buscar o estabelecimento da parceria com a família com a justificativa de imputar aos pais a responsabilidade por uma comunicação dificultosa e pouca participação deles. Sendo que há a possibilidade de a escola adotar um contato unidirecional.

De acordo com a professora, *“existem desafios, como quando a família não aceita o diagnóstico do aluno. Isso pode dificultar a implementação de estratégias de apoio e a criação de um ambiente inclusivo, exigindo um esforço extra na comunicação e no entendimento mútuo”*.

Em suma, todos os profissionais apontaram que há desafios nesta relação família-escola, o que nos leva a refletir as possibilidades que a escola possui de construir ações que fomentem a participação mais ativa dos pais e que os empoderem em relação ao processo de escolarização dos seus filhos. Importante considerar o que Marques (2001) nos aponta que as limitações de participação dos pais nos diferentes assuntos e temas relativos à escola também se devem ao receio que estes podem sentir diante da figura do professor.

Sobre a atitude de pais de resistência, tal qual apontado pelos participantes da pesquisa, Bhering e De Nez (2002) considera que esta atitude pode ser interpretada dessa forma diante da dificuldade da escola lidar com as situações complexas que surgem nesta relação com a família. Com isso, a escola, baseada na justificativa de resistência e pouco envolvimento da família, pode acabar reforçando o distanciamento familiar, deixando de compartilhar e convocar os pais para as decisões relacionadas ao processo escolar da criança.

A resposta da mãe participante da pesquisa ressalta sua percepção positiva em relação à acolhida da escola. Em suas palavras, *“a equipe é acolhedora e sempre aberta ao diálogo. Embora existam desafios ocasionais, como adaptações necessárias. Sinto que estamos alinhados e trabalhando juntos para o melhor desenvolvimento do meu filho.”*

4.3.4 Estratégias da escola para construir a relação família-escola

Em relação às estratégias construídas pela escola para fortalecer o vínculo com a família, a diretora responde que *“a escola promove encontros com as famílias através de reuniões, apresentações das crianças, dia da família na escola e atendimento individual para ajudar a solucionar questões relacionadas a criança e*

também social.”

A supervisora também faz menção às reuniões de pais, para ela “*são momentos valiosos e estratégicos para conhecer um pouco de cada família*”. Além disso, ela revela que há a possibilidade de reuniões individuais com os familiares, especialmente quando há a demanda de alguma orientação relacionada à criança. Em suas palavras, “*acontece também da família procurar a escola em busca de algum direcionamento ou profissional especializado, marcamos então reunião individual e orientamos os percursos ou profissionais que a família precisa procurar ou a própria escola faz esse encaminhamento com o consentimento da família*”.

A professora também faz menção às reuniões como uma estratégia de aproximação da família e escola, além da realização de eventos e da utilização dos boletins e agenda como ferramentas de comunicação. Da mesma forma, a fonoaudióloga relata “*o uso de agendas, grupo de pais de WhatsApp com postagens de atividades dos alunos, reuniões pedagógicas frequente com os pais, encontros dentro da escola (festa junina/família)*”.

De uma forma geral, as estratégias utilizadas pela escola e apontadas pelos participantes são: reuniões de pais, comunicação via agenda e eventos, como festa junina e festa da família. E quando há alguma questão pontual relacionada à criança, prioriza-se a reunião individual. Estas respostas nos levam a questionar se estas estratégias alcançam o objetivo de construir uma relação próxima com os familiares, especialmente dos alunos autistas.

O estudo de Garcia, Reis e Capellini (2021) indica que geralmente o contato entre família e escola fica restrito às reuniões de pais. De acordo com os autores, “a relação entre pais e professores e entre pais e gestão escolar, deve ser mais estreita, exigindo maior aproximação de diversas formas, não somente restrita às reuniões de pais” (p. 76).

Além disso, quando os encontros individuais com os pais ocorrem apenas diante de algum problema a ser solucionado, perde-se a possibilidade de se criar esta parceria em prol do processo de inclusão escolar, que priorize a troca de informações contínua e a construção do trabalho coletivo com a criança. Diante destas questões, cabe frisar a importância da escola perceber o seu lugar frente à construção da relação com a família, proporcionando e criando espaços direcionados a essa aproximação.

Afinal de contas, as instituições família e escola são importantes no processo

de desenvolvimento das crianças, as quais, apesar de possuírem objetivos distintos. Conforme Parolim (2003), tanto a escola quanto a família trabalham em prol de preparar as crianças para o mundo e contribuir para seu desenvolvimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral investigar como se constrói a relação família-escola no contexto de inclusão escolar de alunos autistas em uma escola municipal de educação infantil localizada em Itabirito (MG), visando promover estratégias de parceria entre escola e família. Partiu-se das seguintes questões de pesquisa: De que forma a relação entre família e escola é construída no processo de inclusão de alunos autistas em uma escola municipal de educação infantil localizada em Itabirito (MG)? Como promover estratégias de parceria entre família e escola que possam favorecer o processo de inclusão escolar dos alunos autistas?

O embasamento teórico permitiu compreender as particularidades relativas à inclusão escolar de crianças autistas, a partir de uma breve revisão das políticas de inclusão escolar, como a Política de 2008 e a Lei Brasileira de Inclusão, e que asseguram os direitos das crianças autistas, como a Lei Berenice Piana. Além disso, com Scardua (2008) e Moraes, Arrua e Silva (2023) foi possível identificar a particularidade da inclusão escolar de crianças autistas, especialmente a importância do comprometimento família e escola e os desafios encontrados pela escola neste processo.

Ao longo do referencial teórico, também foi possível refletir a respeito da categoria diagnóstica do autismo e as implicações para o contexto escolar, buscando depurar juntamente com os autores as especificidades da inclusão escolar destas crianças que apontam para a importância da relação família-escola neste caso em específico. A literatura, além disso, nos forneceu subsídios importantes para mapear a relação família-escola e a contribuição para a escolarização de alunos autistas, o que sustentou a análise dos dados colhidos através da aplicação dos questionários aos profissionais da educação e à família de um aluno autista.

As quatro categorias de análise possibilitaram identificar que os profissionais da educação participantes desta pesquisa, de uma forma geral, consideram como importante a escola promover o diálogo e a troca de informações com as famílias, e reconhecem que suas funções são conectar e mediar a relação professor-família, além de acolher a família e sensibilizá-la para a sua participação ativa no processo de ensino-aprendizagem da criança. Os profissionais da educação percebem a necessidade da construção desta troca para a orientação do trabalho com as

crianças autistas. Porém, em suas percepções, os desafios na construção dessa relação se encontram apenas do lado da família, o que nos leva a pensar na desconsideração em relação à função da escola nesse vínculo com a família. Por fim, foi possível identificar, através das repostas dos questionários, que a escola utiliza sobretudo da reunião de pais como uma estratégia de construção da relação com a família, utilizando também de alguns momentos pontuais como eventos promovidos na escola ou reuniões de pais individuais quando se tem uma situação-problema a ser resolvida.

Este trabalho, portanto, contribui na reflexão que situa o lugar da escola na construção da parceria família-escola, possibilitando pensar em quais estratégias, para além das reuniões de pais ou reuniões focadas em situações-problema, são possíveis e colaboram para estabelecer este vínculo. Se consideramos juntamente com Serra (2010) e Oliveira e Marinho-Araújo (2010) que a escola e a família são duas instituições fundamentais para o desenvolvimento da criança, torna-se primordial reconhecer a importância desses dois contextos para o processo de ensino-aprendizagem da criança autista, especialmente se levarmos em conta as especificidades do trabalho escolar nestes casos.

Diante disso, pretendeu-se traçar estratégias para a melhora e adequação dos vínculos com as famílias de crianças autistas promovido pelos profissionais da educação desde o ato da matrícula, especialmente por aqueles que lidam diretamente com a família, como é o caso da secretaria escolar e a gestão escolar, até a professora que trabalha em sala de aula com o aluno. A elaboração da cartilha surgiu com esse intuito de pensar nas estratégias, além de compartilhar as informações contidas nesta pesquisa e sensibilizar as escolas e as famílias para a importância da construção da parceria. Espera-se que seja um material que sirva como orientador para as escolas da rede criar projetos e espaços que proporcionem a presença das famílias de forma mais ativa, colaborando para o processo de inclusão escolar das crianças autistas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. Revisão de literatura, referencial teórico, fundamentação teórica e framework conceitual em pesquisa-diferenças e propósitos. **Working paper**, 2016. Disponível em: [https://unisinus.academia.edu/Debora A zevedo/Papers](https://unisinus.academia.edu/Debora_A_zevedo/Papers)
Acesso em: 17/11/2018.

BARBOSA, A. M. *et al.* O papel do professor frente a inclusão se crianças com autismo. **XI Congresso Nacional de Educação**, EDUCERE, Curitiba. PR, 2013. Disponível em: <https://uenp.edu.br/doc-propg/pos-graduacao/stricto-sensu-mestrado-edoutorado/mestrado-em-ensino/ppgen-dissertacoes-defendidas/ppgen-dissertacoesturma2/12642-danieli-ferreira-guedes/file>
Acesso em: abril 2019.

BHERING, E.; DE NEZ, T. B. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 1, jan./abr. 2002, p. 63-73. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/dnfKz5dknbC5Yttfq3YQmXG/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 12 mar. 2025.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 249, p. 2, 28 dez. 2012.

CABRAL, C. S.; FALCKE, D.; MARIN, A. H. Relação família-escola-criança com Transtorno do Espectro Autista: percepção de pais e professoras. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 27, p. 493-508, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/STKcXJNwvxqhGk5QKh8WpLP/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 02 jun. 2025.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paideia**, nv. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRcV9pN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo escolar da educação básica de 2024**: resumo técnico. Brasília, 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

GARCIA, L. M. **Relação família e escola**: desafios em contextos inclusivos. 2020. 56 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem), Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2020.

GARCIA, L. M.; REAIS, V. L.; CAPELLINI, V. L. M. F. A relação família e escola no

processo de ensino e aprendizagem: concepções de professores de alunos com deficiência intelectual. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 45, p. 62-79, 2021.

KLIN, A. **Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral**. Rev. Bras. Psiquiatr., 2006, v. 28, p. S3-S11. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNBhCsndB9Sf5ph5KBYGD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MARQUES, R. **Professores, família e projeto educativo**. Coleção: Perspectivas actuais em educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2001.

MATURANA, A. P. P. M.; CIA, F. Educação especial e a relação família-escola: análise da produção científica de teses e dissertações. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 349-358, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/Kv8qmQtcMYPQ7DpLq9Dcxnc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MORAES, J. F.; ARRUA, M. T. S.; SILVA, R. F. Os desafios do professor na inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista na escola. **Revista Diálogos interdisciplinares – GEFPFIP**, v. 12, n. 12, p. 119-132, 2023.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, setembro, 2020. ISSN 1984-6290. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-osdesafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 22 abril de 2025.

OLIVEIRA, C. B. E. De.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, jan./mar. 2010.

PASSOS, B. C.; KISHIMOTO, M. S. C. O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 5827-5833, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/43094/pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PAROLIM, Isabel. As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares. Fortaleza, 2003.

PINTO, R. N. M. *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Rev. Gaúcha Enferm.** V. 37. N. 3, p. 1-9, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2025.

RAMOS, A. B.; AZEVEDO, G. X. De. A importância da interação entre a escola e a família para o desenvolvimento da criança com deficiência. **REEDUC**, v. 10, n. 1, p. 154-166, jan./dez. 2024.

SCARDUA, Valéria Mota. A inclusão escolar e o ensino regular. **Revista FACEVV**, n. 1, p. 85-90, 2008.

SERRA, D. Autismo, família e inclusão. **Polêm!ca**, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, jan./mar. 2010. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/viewFile/2693/1854>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SILVA, V. De S.; ALMEIDA, R. C. De. A importância e os desafios do método ABA para a inclusão de crianças autistas na rede regular de ensino. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 12, 2021.

SILVA, V. De S.; DIAS, J. S. De C. Inclusão na educação infantil: dos direitos às práticas. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 30, 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/30/inclusao-na-educacao-infantil-dos-direitos-as-praticas>. Acesso em: 03 jun. 2025.

TOMÉ, A. da S.; MARTINS, I. C.; GIMENEZ, R. Educação inclusiva e a relação família-escola: um panorama de duas décadas de produção de conhecimento. **Revista Diversidade e Educação**, v. 11, n. 2, p. 560-588, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/15737/10638>. Acesso em: 02 jun. 2025.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS PAIS

- 1 - Como foi a descoberta do diagnóstico de autismo do seu filho?
- 2 –Quando seu filho entrou na escola, ele já tinha o diagnóstico? Ou estava em processo de investigação?
- 3 –Como foi o processo de matrícula na escola? Você encontrou alguma dificuldade?
- 4–Como é a sua relação com a escola? Você encontra desafios?
- 5 –Como você avalia a relação que a escola estabelece com os familiares dos alunos?
- 6– Você acha importante a participação da família na escola?
- 7–Como você avalia a relação família-escola no processo de inclusão escolar?
- 8 –O que é inclusão escolar para você?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

1 – Há quanto tempo está na docência? Há quanto tempo esta nesta escola? Qual turma está trabalhando este ano? Neste ano, quantos alunos com deficiência estão matriculados na sua sala de aula?

2–Como você avalia a relação família-escola no processo de inclusão escolar?

3–A colaboração da família contribui para a realização do seu trabalho com o aluno?

4 – Para você, qual o lugar da escola na construção da relação com a família? Existem desafios?

5–Para você, é positivo como a mãe trata seu filho dentro da escola? Isso facilita seu trabalho e a forma de lidar com o aluno?

6 – O que é inclusão escolar pra você?

7– O que você acha necessário para que esse aluno seja incluído e possa participar de todas as atividades com as outras crianças?

8 – O que você pretende fazer como educadora para atender a necessidade de alunos que possui deficiência?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA GESTÃO ESCOLAR

- 1 –Qual o tempo de atuação na função de gestor escolar? Há quanto tempo atua nesta escola?
- 2 – Qual o papel da equipe gestora na construção do diálogo entre família e professora?
- 3 - Como você avalia a relação família-escola no processo de inclusão escolar?
- 4 -Você considera importante a participação da família nas questões que envolvem a escola?
- 5 - Você, enquanto gestão escolar, encontra desafios na relação com a família?
- 6 – A escola busca estratégias para estimular a participação da família? Como é construída a relação da escola com a família?
- 7–Como você avalia o seu papel na garantia da aprendizagem de todos na escola e entende a inclusão de crianças com deficiência?
- 8– Como que é avaliado o trabalho pedagógico que é desenvolvido na escola voltado para a inclusão de crianças com deficiência?

APÊNDICE D – CARTILHA: A CHAVE DO SUCESSO ESTÁ NA PARCERIA
FAMÍLIA E ESCOLA



RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E AS
REPERCUSSÕES NA INCLUSÃO ESCOLAR DE
ALUNOS AUTISTAS: ESTRATÉGIAS PARA A
PARCERIA

Irlene Ferreira



Sou Irlene de Souza Ferreira, nascida em Ouro Preto – MG. Conclui o ensino médio com habilitação para o magistério em 1993, na Escola Estadual Dom Silvério, em Mariana-MG, realizando meu sonho de infância de ser professora.

Entre o período de 2013 a 2017, fiz a graduação em Administração de Empresas na UNIPAC de Itabirito-MG, área pela qual sempre tive interesse. No ano de 2019, realizei uma pós-graduação na área administrativa, na instituição Pitágoras.

Em 2024, fui aprovada na seleção para a pós-graduação em Docência para a Educação Básica da Faculdade de Educação, na área de concentração *Docência e Inclusão Escolar: Pessoas com Deficiência e a Prática Pedagógica na Escola*, pela UFMG. Essa nova etapa representa um processo de autoconhecimento, no qual busco entender melhor minhas emoções, identificar meus interesses e fortalecer minha prática profissional. Tenho como objetivo evoluir pessoal e profissionalmente, superando desafios e valorizando a convivência e o aprendizado com o outro.

Apresentação



Esta cartilha é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Relação família-escola e as repercussões para a inclusão escolar de alunos autistas: estratégias de uma parceria*, apresentado como requisito final do Curso de Especialização em Docência para a Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em parceria com a Rede Municipal de Educação de Itabirito (MG).

A cartilha tem como objetivo apresentar, em uma linguagem acessível e didática, as informações e as reflexões desenvolvidas no TCC, a partir de uma revisão da literatura e de entrevistas com profissionais da educação e com uma familiar de criança autista. Busca-se, com isso, contribuir para o processo de inclusão escolar de crianças autistas e para a construção de uma parceria entre família e escola. Trata-se de um material direcionado aos gestores escolares, professores, profissionais da educação, pais e responsáveis.

Pretende-se, com esta cartilha, reconhecer o papel fundamental tanto das escolas quanto das famílias no processo de inclusão escolar de crianças autistas. Quando família e escola estabelecem uma relação de parceria, o ambiente escolar se torna mais acolhedor, inclusivo e dialógico, legitimando o lugar exercido pela família e escola no processo de ensino-aprendizagem da criança.

Para isso, é preciso que os profissionais da educação compreendam o protagonismo da escola diante da construção dos vínculos com as famílias, assumindo o acolhimento e o diálogo como compromissos éticos e pedagógicos. Por sua vez, a família precisa reconhecer seu papel ativo nesse processo, pois detém conhecimentos sobre o cotidiano da criança, seus interesses, seu modo de se

relacionar com o mundo e seu modo de ser. Tratam-se de informações primorosas para orientar o trabalho dos profissionais da educação.

Dessa forma, espero que esta cartilha inspire a construção de parcerias entre família e escola, fomentando novas práticas e diálogos voltados à formação de uma rede comprometida em construir, de forma conjunta, um ambiente escolar acolhedor e inclusivo para as crianças autistas.



O Transtorno do Espectro Autista (TEA), também conhecido como autismo, é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por prejuízos na comunicação social e por padrões de comportamento restritos e repetitivos. O diagnóstico de TEA está associado a três condições: os sintomas devem estar presentes desde a primeira infância, o prejuízo precisa ser clinicamente significativo e as características observadas não devem ser mais bem explicadas por um atraso global do desenvolvimento.

Inclusão escolar



* Para a inclusão de uma criança autista, é necessário e fundamental que todos os envolvidos - como família, amigos e escola – se empenhem em compreendê-la em sua forma de ser, oferecendo suporte e acompanhamento em todas as áreas em que houver necessidade.

* É importante que o professor, o supervisor e demais profissionais da escola se disponham a compreender as demandas da criança, estabelecendo uma comunicação que lhes permitam ajustar a prática pedagógica e definir com clareza o papel que cada um pode e deve desempenhar nesse processo.

* É essencial focar nos potenciais de cada aluno, de forma que o educador transmita confiança e segurança para que o aluno aprenda de forma significativa, garantindo um ensino de qualidade e atento à realidade de cada criança.

* Acredita-se que a convivência compartilhada da criança autista na escola, a partir da sua inclusão no ensino comum, possa oportunizar os contatos sociais e favorecer não apenas para o seu desenvolvimento, mas também para o das outras crianças, à medida que convivem e aprendem com as diferenças (Oliveira, 2020).



Atitudes para Inclusão Escolar:

- Focar nas possibilidades e não nas limitações;
- Dar valor aos conhecimentos e vivências do aluno;
- Interagir com a família;
- Acreditar que todos podem aprender;
- Utilizar materiais e atividades diversificadas;
- Dar autonomia ao aluno;
- Valorizar seus interesses;
- Fazer capacitações e buscar apoio sempre que necessário.



A ESCOLA E A CRIANÇA AUTISTA

A escola representa a inserção inaugural da criança no espaço público, pois ela passa a circular por um espaço coletivo, com outro tempo, ritmo e regras (Dessen; Polonia, 2007).

Considerando esse marco simbólico na vida de uma criança, cabe destacar a importância da presença das crianças autistas na escola. Nesse sentido, vivenciar o espaço escolar proporciona a aquisição de conteúdos pedagógicos e a experiência com o outro. Para isso, o espaço escolar precisa estar preparado para receber as crianças, tendo como norte a aposta na experiência pedagógica compartilhada com os pares como um fundamento das práticas inclusivas. Esse preparo envolve a

capacidade de compreender e atentar-se aos modos singulares de manifestação das crianças. Seus comportamentos podem ser lidos como formas de se posicionar diante do mundo e de responder às demandas externas.

Receber e acolher as crianças autistas no espaço escolar pode ser uma experiência transformadora para todos, pois coloca os professores e demais profissionais diante do desafio de ampliar suas concepções sobre o ensino e a aprendizagem. Uma escola inclusiva exige uma escuta sensível e o reconhecimento da diversidade, acreditando na potência de um espaço escolar destinado a todos.

**AUTISMO
NÃO SE CURA,
SE COMPREENDE!**



QUAL IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA?

A escola e família são instituições fundamentais para o desenvolvimento integral dos indivíduos, atuando em conjunto na formação de crianças e jovens. A escola oferece um ambiente de aprendizado formal e social, enquanto a família constitui o primeiro espaço de socialização e transmissão de valores. A interação entre ambas é essencial para o sucesso escolar, a construção da identidade e o desenvolvimento de habilidades sociais. Juntas, podem promover o crescimento físico, intelectual, emocional e social do ser humano (Dessen; Polonia, 2007).

A participação da família é de suma importância no processo de escolarização da criança, possibilitando uma atuação colaborativa entre escola e família. No caso das crianças autistas, esse trabalho coletivo torna-se ainda mais necessário para pensar e construir possibilidades de aprendizagem, desenvolvimento e estratégias de pertencimento.

Por parte da família, o compartilhamento de informações sobre os interesses da criança, suas formas de se comunicar e suas reações diante de determinadas situações é fundamental para que a escola possa atuar de maneira mais sensível e eficaz. Por outro lado, a escola também constrói um saber sobre a criança, que pode ser compartilhado com a família por meio de observações, suas estratégias e avanços alcançados no contexto escolar com a criança.

A parceria entre família e escola, dessa forma, configura-se como uma rede de apoio mútuo que visa à inclusão escolar da criança autista. Por isso, é fundamental reconhecê-la e construí-la com base no compromisso ético e afetivo.



**Pais e Escola na
Inclusão do Autismo:
uma união possível?**

PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO

A família é o primeiro agente de inclusão e socialização. É nela que a criança recebe as primeiras marcas simbólicas, fundamentais para o seu desenvolvimento. Nesse espaço, onde as relações se alicerçam na afetividade, constroem-se valores, crenças e modos de se relacionar, representando o primeiro espaço de socialização.

Escola e Família



Juntos escrevemos
um Futuro Melhor.

A família exerce um papel essencial ao oferecer informações que auxiliam e contribuem para as ações educacionais voltadas à inclusão da criança. A parceria entre pais e escola fortalece as trocas de experiências, permitindo que melhores condições sejam ofertadas e que medidas adequadas sejam tomadas para o desenvolvimento da criança durante o seu processo de ensino-aprendizagem.

O apoio recebido pela escola contribui para que a família se sinta acolhida e reconhecida em seu papel, buscando, em conjunto com a escola, caminhos que estimulem o desenvolvimento e aprendizado da criança.



PAPEL DA ESCOLA NA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

Atualmente, as escolas têm recebido, cada vez mais, crianças com deficiência. Dados do último censo escolar indicam um aumento significativo no número de matrículas de alunos considerados público-alvo da Educação Especial, em todas as etapas de ensino. Na Educação Infantil, foco do presente trabalho, foram registrados 366.423 alunos matriculados com deficiência, TEA ou altas habilidades em classes comuns (INEP, 2025).

Diante desse cenário, a escola é convocada a acolher esses alunos, promovendo a diversidade e consolidando-se como um espaço de convívio com as diferenças.



É de grande relevância que a escola se atente para a construção de uma relação com a família, uma vez que esse vínculo traz benefícios para o processo de inclusão escolar da criança.

Cabe à escola reconhecer o lugar fundamental que a família ocupa no processo de inclusão escolar de crianças autistas e assumir o compromisso de construir estratégias pautadas no diálogo, na escuta e na parceria.

COMO FORTALECER A PARCERIA NA PRÁTICA? DICAS PARA ESCOLAS E FAMÍLIA

Para fortalecer a parceria entre família e escola, seguem algumas sugestões:

- Escutar a família sobre o conhecimento que possui a respeito da criança, dos seus gostos, interesses e formas de se comunicar com o outro;
- Promover eventos escolares e workshops;
- Realizar reuniões periódicas com a família na escola;
- Apresentar projetos pedagógicos e propostas educativas às famílias;
- Manter uma comunicação clara, objetiva e eficaz;
- Convidar as famílias a participarem de atividades culturais na escola;
- Inserir os pais nas atividades diárias da escola, criando estratégias e ações que promovam aproximação;
- Criar espaço para que as famílias possam sugerir melhorias e/ou expressar suas preocupações e anseios.



Considerações Finais



imagem: <https://www.istockphoto.com>

Qualquer criança que apresente necessidades ou particularidades tem direito à educação, ou seja, o direito de conviver em sociedade, ser feliz e, acima de tudo, ser amada e estimulada para seu desenvolvimento.

Livrar-se de preconceitos e estigmas, assim como buscar informações, são atitudes essenciais tanto da família quanto da escola para oferecer o suporte necessário a criança autista.

É importante que, na escola, o professor reconheça a criança autista como ser capaz de aprender e se desenvolver, observando, respeitando e trabalhando suas especificidades e potencialidades.

Juntas, escola e família podem fazer a diferença na vida dessa criança. Com o envolvimento da família e o olhar atento do educador, é possível realizar um trabalho sensível às realidades e particularidades de cada criança autista.

Quando família e escola caminham juntas, torna-se possível construir coletivamente uma educação pautada em princípios inclusivos, que respeite e reconheça as necessidades e demandas da criança autista, promovendo-lhe uma experiência escolar acolhedora, transformadora e afetiva.

Referências



DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paideia**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRcV9pN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2025.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, setembro, 2020. ISSN 1984-6290. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-osdesafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 22 abril de 2025.

